

O ESFACELAMENTO DA IDENTIDADE DO SUJEITO PÓS -MODERNO VULNERÁVEL AO NOVO E ANTIGO MAL: O BULLYING

Danielle gomes Dias

Especialista em Psicopedagogia Institucional e Empresarial/ISECENSA/RJ
dani.gd@bol.com.br

Shayane Ferreira dos Santos

Especialista em Psicopedagogia Institucional e Empresarial/ISECENSA/RJ
Mestranda em Ciência da Educação/ UAA/ Assunção
shayaneferreira@yahoo.com.br

Talita da Silva Ernesto

Especialista em Psicopedagogia Institucional e Empresarial/ISECENSA/RJ
Mestranda em Ciência da Educação/ UAA/ Assunção
tatafeitosa@hotmail.com

RESUMO

Nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade. A desconstrução da família ocasionada por tantas mudanças sociais, refletiu significativamente na construção das identidades contemporâneas. A revolução da tecnologia da informação aliada a perda de sentido de si, fez com que a sociedade ficasse vulnerável a atitudes que transgridem as normas sociais, os valores morais, como o *bullying* e o *ciberbullying*. Segundo Dante e Cleo (2005, p.28) a definição de *bullying* é compreendida como “um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder”. Este desequilíbrio caracteriza-se pelo fato de que a vítima não consegue se defender com facilidade, devido a inúmeros fatores: por ser de menor estatura ou força física; por estar em minoria; por apresentar pouca habilidade de defesa; pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o autor ou atores dos ataques. Com relação ao *ciberbullying* a tecnologia é apenas um instrumento que reflete a identidade esfacelada deste sujeito pós-moderno, não sendo assim o grande algoz dos últimos tempos. Para fundamentar tais ideias, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

Palavras-chave: bullying, ciberbullying, pós-modernidade

1. INTRODUÇÃO

Estamos diante de um mundo em que as conseqüências da pós-modernidade se apresentam com mais intensidade nas estruturas familiares. A crise da desestruturação dos laços familiares leva à queda também dos valores que solidificavam a personalidade do sujeito. E em meio a tanta liberdade e abertura a mudanças, o homem ficou sem saber o que escolher à frente de tantas opções.

Para Giddens (1991, p. 57), a modernidade “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Ele observa que vivemos uma época marcada pela desorientação, pela sensação de que não compreendemos plenamente os eventos sociais e que perdemos o controle. A modernidade transformou as relações sociais e também a percepção dos indivíduos e coletividades sobre a segurança e a confiança, bem como sobre os perigos e riscos do viver.

Junto com a pós-modernidade vieram também as crises. Valorizava-se um modelo familiar patriarcal baseado na autoridade, dominação contínua exercida pelo homem, como o cabeça do casal, sobre a família, na qual tudo era imposto.

De outro lado temos a quebra de todas as normas que estruturavam a família. Uma delas a saída mulher em busca de realização profissional, tão ligada ao desejo tardio de afirmação, poder e direitos de igualdade perante o homem.

A mulher sempre esteve em posição de submissão perante o homem, porém com passar do tempo ela sentiu necessidade de buscar seu espaço na família e na sociedade. Porém, a sociedade da época e a própria mulher não estavam preparados para esta mudança, ocasionando uma desestruturação familiar, e conseqüentemente, social.

Destacamos como consequência dessa ruptura a dissolução dos lares, por meio de divórcios ou separação dos casais, que antes se comprometiam com o relacionamento duradouro.

Com isso, desencadeou a formação de lares de solteiros ou lares com apenas um dos pais, cessando assim a possibilidade da autoridade de dominação ser reproduzida mentalmente no novo lar.

As frequentes crises matrimoniais sucederam a dificuldade em compatibilizar casamento, trabalho e vida. O sujeito, antes que vivia uma vida organizada diante de certezas passa a ter muitos afazeres e desfocaliza o que antes era prioridade na vida do homem, a construção de uma família.

Diante de uma mudança estrutural, a sociedade está cada vez mais fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2002)

Este sujeito pós-moderno torna-se alvo das facilidades e influências recebidas do mundo externo, pois fica cada vez mais confuso sem saber qual direção seguir. Tentam buscar respostas em seu novo alicerce estrutural que são amigos, mídias, as redes sociais, ficando vulnerável a qualquer opinião e posturas.

Visto que a sociedade encontra-se também num processo conturbado de mudanças na forma de pensar e conduzir uma vida organizada, pautada em valores morais, este sujeito está aberto às facilidades que as novas tecnologias lhe oferecem.

Subjacentes às novas tecnologias, proliferam a propagação de um novo e antigo mal, o *cyberbullying*, uma forma de violência que cresce e se espalha com maior velocidade pelo uso da internet.

A palavra vem do adjetivo *bully* que, em inglês, significa valentão, atitudes e procedimentos cheios de agressividade constantes e conscientemente intencionais, realizados individualmente ou em grupo, tendo como consequência dor, sofrimento e angústia. Quem é mais forte tiraniza, ameaça, oprime, amedronta e intimida os mais fracos. *O Bullying* agride a alma do indivíduo, o apequena pelo medo ou pela vergonha, pela dor física ou moral.

2. METODOLOGIA

Este trabalho apresenta como linha de ação elementos teóricos calcados em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, envolvendo coleta de dados. Ao utilizar essas duas formas de pesquisa, busca-se a complementação entre teoria e prática. Através de autores como Giddens (1991), Hall (2002), Taylor (2006), Calhau (2010), Bauman (2001) e relatos de profissionais ligados ao tema pesquisado fundamentaremos a nossa pesquisa.

Além da pesquisa bibliográfica realizamos um estudo de campo. Nesta etapa da pesquisa aplicamos sessenta questionários direcionados a estudantes de nove a dezoito anos buscando constatar os objetivos pré estabelecidos.

O universo a ser pesquisado foi o Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora, escola particular do Município de Campos dos Goytacazes- RJ. Esta instituição caracteriza-se por atender uma clientela de classe média a alta. Responderam ao questionário aproximadamente 60 alunos, integrantes do Ensino Fundamental e Médio.

Esta pesquisa assume caráter qualitativo e quantitativo. Sobre isso, Kaplan (1964 apud ALVIRA, 1983), afirma que a observação participante, possibilita acesso a todos os aspectos dos fenômenos estudados, sem abstrair nem quantificar, permitindo um conhecimento real do objeto de estudo facilitado pela experiência a respeito desse objeto.

Sobre o uso da técnica de entrevistas, dentro da pesquisa qualitativa, Ortí (1989) considera que elas são adequadas ao espaço aberto e multidimensional da investigação em geral.

O tratamento dos dados foi da seguinte forma: as respostas das entrevistas e questionários foram apresentadas através de texto discursivo e constou da síntese das informações coletadas junto aos estudantes.

As constatações feitas foram apresentadas através de gráficos. Todos os dados foram interpretados qualitativamente e quantitativamente tendo como base o referencial teórico levantado na pesquisa bibliográfica.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A sociedade atual vive um momento de transição, de multiplicidades de opções, de verdades obscuras, de incertezas frente às certezas já estabelecidas, tornando assim os conceitos, a educação, a religião, a arte, cada vez mais questionáveis. O homem que foi educado pela família e sociedade em meados do século XX priorizava posturas que hoje entram em contradições com as posturas atuais.

Para Giddens (2005), há razões fortes e objetivas para se acreditar que estamos atravessando um período importante de transição histórica. Além disso, as mudanças que nos afetam não estão confinadas a nenhuma área do globo, estendendo-se quase por toda parte.

O autor ainda afirma que o mundo o qual os pensadores iluministas previram, mais estável e ordenado com o desenvolvimento da tecnologia, não condiz com a realidade. Em vez de estar cada vez mais sob nosso comando, parece um mundo em descontrole. Algumas das influências que, supunha-se antes, iriam tornar a vida mais segura e previsível, tiveram o efeito oposto.

Essas transformações afetam quase todos os aspectos do que fazemos. Para o bem ou para o mal, estamos impelidos rumo a uma ordem global que ninguém compreende plenamente, mais cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós, especialmente sobre os laços familiares que se mantiveram por muito tempo solidificados.

Neste processo de rupturas, as famílias vêm tentando se encontrar diante de tantos interesses. A incorporação maciça da mulher na força de trabalho remunerado colocou um peso insustentável sobre os ombros das mulheres com suas quádruplas jornadas diárias (trabalho remunerado, organização do lar, criação dos filhos e a jornada noturna em benefício do marido), afirma Castells (1999, p.170).

O impacto desta nova forma de agir abalou a construção de uma identidade permeada na segurança permitida pelos vínculos afetivos. A família perdendo suas estruturas se viu numa desordem.

Segundo Hall (2002), as identidades também podem ser formadas a partir de instituições dominantes, que assumem tal condição quando os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização. A construção de identidade vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Estes materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seus significados em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social.

Estamos diante da identidade pós-moderna, no qual a globalização impacta a identidade cultural. A internalização do exterior no sujeito e da externalização do interior através da ação no mundo social, apresenta as crises da falta de um parâmetro a seguir.

O sujeito atual está a todo o momento recebendo influências das tecnologias da informação. E em meio a tantas inovações tecnológicas surgem as facilidades de se comunicar e relacionar com diversas culturas.

De acordo com Castells (2005), as tecnologias embora não determinem à evolução histórica e a transformação social, ela incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico.

Visto que a sociedade encontra-se também num processo conturbado de mudanças na forma de pensar e conduzir uma vida organizada, pautada em valores morais, este sujeito está aberto às facilidades que as novas tecnologias lhe oferecem.

Não se deseja aqui realizar um julgamento destas tecnologias como causadoras de uma desestruturação social e sim analisar se a identidade do sujeito atual está preparada para fazer um bom uso destas novas tecnologias da informação.

Pesquisa da Fundação Telefônica no estado de São Paulo, em 2008, apontou que 68% dos adolescentes ficam *online* pelo menos uma hora por dia durante a semana. Outro levantamento, feito pela ComScore este ano, revela que os jovens com mais de 15 anos acessam os *blogs* e as redes sociais 46,7 vezes ao mês (a média mundial é de 27 vezes por semana). Marcelo Coutinho, especialista no tema e professor da Fundação Getulio Vargas (FGV), diz que esses estudantes não percebem as armadilhas dos relacionamentos

digitais. "Para eles, é tudo real, como se fosse do jeito tradicional, tanto para fazer amigos como para comprar, aprender ou combinar um passeio".

Segundo Castells (1999), não há separação entre "realidade" e representação simbólica. Com apoio do dicionário ele justifica que "virtual é o que existe na prática, embora não estrita ou nominalmente, e real é o que existe de fato". Portanto, a realidade, como é vivida, sempre foi virtual porque sempre é percebida por intermédio de símbolos formadores da prática com algum sentido que escapa à sua rigorosa definição semântica.

Subjacentes às novas tecnologias proliferam a propagação de um novo e antigo mal, o *cyberbullying*, uma forma de violência que cresce e se espalha com maior velocidade pelo uso da internet.

Cada vez mais espalhadas em sites de relacionamentos como o *Formspring*, *Tumblr*, *Twitter* ou *Facebook*, as mensagens de humilhação, hostilidade, ataque, difamação agridem jovens, crianças e adultos. As vítimas desse novo mal possuem características comuns entre eles, como necessidades de se reafirmar no âmbito social, podem ser tímidos, quietos, inseguros, pouco habilidosos socialmente, com poucas amizades, são facilmente intimidados e incapazes de reagir aos atos de agressividade.

Segundo Dante e Cleo (2005, p.28) a definição de *bullying* é compreendida como "um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder". Este desequilíbrio caracteriza-se pelo fato de que a vítima não consegue se defender com facilidade, devido a inúmeros fatores: por ser de menor estatura ou força física; por estar em minoria; por apresentar pouca habilidade de defesa; pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o autor ou atores dos ataques.

O *bullying* é considerado um mal-estar que se apresenta na perspectiva oculta, no desconhecimento e na indiferença, tendo sua força na ausência de valorização pessoal, fruto do desenvolvimento social, emocional e intelectual inadequado daqueles que sofrem e padecem como vítimas desse fenômeno novo e velho ao mesmo tempo.

Taylor (1997, p. 97) justifica esta fragilidade do sujeito frente a formação de sua identidade, se o meu ser pertence a uma certa linhagem que é para mim de central importância, se estou orgulhoso dela, e a vejo como me outorgando ser membro de um certo grupo de pessoas que vejo definidas por qualidades, as quais valorizo em mim mesmo, como um agente e que vem ao meu encontro através desse meio de pessoas, então tal grupo fará parte dessa identidade.

Isso significa que sua referência pode estar em qualquer grupo social. No que se observam atualmente, muitos jovens não reconhecem a família sendo a parte crucial para estruturação de sua identidade, e um dos fatores que ocasionam isso é a falta de tempo dos pais em estarem com seus filhos no desenvolvimento de sua espiritualidade, construção dos valores morais, nas suas fragilidades emocionais que a mudança das fases da vida pode ocasionar, e inúmeros momentos que somente eles podem suprir o vazio deste sujeito.

Com tanto tempo livre esses jovens buscam os atrativos atuais, uma delas, as redes sociais. Nelas esses jovens passam grande parte do dia, conhecendo e se relacionando com várias identidades. Estar nestas redes significa para os jovens, liberdade total de expressão, pois ali eles podem ser quem eles quiserem.

O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos e da coincidência dos tempos. As particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se ordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários, afirma Lévy (1999, p.49).

É importante destacar que esse jovem que está na rede poderá ou não receber as influências negativas que são sugeridas nelas. Só fará mau uso delas se for este indivíduo esfacelado, sem referências solidificadas nos valores morais e espirituais. Para agredir de forma virtual, não é necessário ser o mais forte, pertencer a um grupo ou ter coragem de se manifestar em público, no pátio da escola ou na classe. Basta ter acesso a um celular ou à internet. Por isso, muitos desses novos agressores nem sabem dizer por que fazem o que fazem.

O anonimato possibilitado pelo *cyberbullying* favorece a ação do agressor. O indivíduo não será julgado ao usar o computador, pois não estará exposto aos demais. O agressor, assim como a vítima, tem dificuldade de sair de seu papel e retomar valores esquecidos ou formar novos, explica Luciene Tognetta, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). (SANTOMAURO, 2010, p.76)

Estes sujeitos tornam-se alvos fáceis, pois há uma forte necessidade psicológica de acompanhar e interiorizar as opiniões dos outros. Parece não haver outro caminho para a autoconstrução identitária, senão seguir ao padrão estipulado, submeter-se à sociedade e seguir suas normas. Nesse conflito em que as pessoas se encontram, ausência ou falta de clareza das normas é o pior que pode acontecer às pessoas.

Este é o sujeito formado nesta nova era, com um sentimento de insegurança, de vazio, perda de sentido, a corrosão generalizada do caráter que constitui o nicho gerador das novas identidades, fragmentadas e fragilizadas em meio aos dilemas que tendem fazer delas um tema controverso e preocupante.

Hall (1999) vê nessa situação o sujeito “pós-moderno” produzido pelo processo de crise de identidade: sujeito sem identidade fixa, essencial e permanente, com identidade continuamente transformada em relação às formas pelas quais são representados ou interpelados nos sistemas que os rodeiam.

As tecnologias vieram para facilitar a vida do homem, contribuindo para o progresso social. O grande dilema da humanidade não está em saber o que a tecnologia favorece ao homem, mas sim como ele a utiliza. Antes de se pensar em formas para proteger sites de relacionamentos, bloquear computadores para os filhos não acessarem toda hora a internet, deve-se pensar numa educação solidificada em valores morais, na formação de um indivíduo centrado, com estruturas familiares que dêem suporte necessário para que ele possa fazer escolhas certas diante das inúmeras e prazerosas opções da pós modernidade.

A família foi e continuará sendo o seio da educação, somente ela poderá estruturar e transformar estes jovens tão vulneráveis. Talvez, nunca seremos capazes de nos tornar os senhores de nossa própria história, mas podemos e devemos encontrar meios de tomar as rédeas de nosso mundo em descontrolado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar na análise de dados, o *bullying* está cada vez mais presente em nossos lares, condomínios, vizinhança, escolas e redes sociais. Apesar de sempre ter existido, hoje ele está intensificado pela fluidez de valores e rupturas das tradições.

O estudo do *bullying* se faz necessário para romper com um modelo de resolução de conflitos que cultua a exploração dos mais fracos ou dos diferentes, tendo como motor a intolerância com o próximo.

Com relação ao *ciberbullying*, muitos jovens procuram as redes de relacionamentos devido ao anonimato que estas possibilitam, nas quais eles revelam suas fraquezas as direcionando para a fragilidade dos alvos. Costumam colocar apelidos, realizar agressões físicas e verbais. Notamos que dedicam grande parte de seu tempo às redes sociais, e quando praticam o *bullying*, têm como vítima pessoas do seu cotidiano.

Constatamos que a falta de regras e limites tem confundido muito a cabeça das crianças e jovens que ficam perdidos nas suas escolhas. Isso significa que sua referência pode estar em qualquer grupo familiar.

Atualmente observa-se que muitos jovens não reconhecem a família sendo a parte crucial para estruturação de sua identidade, e um dos fatores que ocasionam isso é a falta de tempo dos pais em estarem com seus filhos no desenvolvimento de sua espiritualidade, construção dos valores morais, nas suas fragilidades emocionais que a mudança das fases da vida pode ocasionar, e inúmeros momentos que somente eles podem suprir o vazio deste sujeito.

Verificamos que a escola, que tem como papel primordial a construção de saberes, ganha novas funções, pois como ensinar aquele que se sente rejeitado, fragilizado na sua auto-estima? E como também não pensar no agressor, que também não passa de uma vítima?

Sendo assim, mais uma vez a escola deve buscar caminhos para envolver a família na busca para uma solução deste mal. O que torna muito difícil para ela, já que mexer na estrutura de uma educação consolidada em valores divergentes dos esperados é um assunto delicado e foge da função da escola.

No entanto, mesmo que a escola fique limitada diante dos melhores caminhos a serem seguidos, ela pode realizar trabalhos de prevenção. Pode criar projetos sociais, espaços abertos para debates, lideranças nas turmas, olimpíadas integradas, alunos darem palestras, trabalhar desde a escola infantil com fábulas, oferecer ambiente seguro.

A escola também pode buscar apoio na lei que foi sancionada 21 de setembro de 2010, caso haja violência excessiva. Deve supervisionar os intervalos das aulas, o recreio das crianças, que é onde ocorre com mais incidência o *bullying*, as aulas de Educação Física, pedir aos pais uma supervisão maior nas redes sociais utilizadas em casa, oferecer questionários anônimos nas salas.

Ajudar a reprimir as práticas de *bullying* é atuar no fatores que concorrem para o surgimento da violência, e não apenas atuar nas conseqüências como o sistema da justiça o faz na atualidade. Quando combatemos o *bullying* escolar, estamos combatendo a futura criminalidade, estamos trabalhando pela construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Acabar definitivamente com o *bullying* pode parecer uma utopia em uma sociedade capitalista e individualista, o ter acaba tendo mais valor do que o ser, mas é um desafio que nos inspira a lutar por um mundo melhor, uma sociedade mais justa, um mundo melhor para deixarmos para as gerações futuras e isso só poderá ser conseguido quando mais nenhuma vítima do *bullying* se esconder por trás de suas lágrimas, de seus sofrimentos, de seu silêncio.

5 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2001.

CALHAU, Lélío B. **Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão**. 2. ed. Niterói, RJ: Impetus, 2010.

CAMARGO, Carolina Giannoni. **“Brincadeiras” que fazem chorar! : Introdução ao Fenômeno Bullying**. São Paulo: All Print, 2009.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação, economia, sociedade e cultura**; vol. 2. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Venâncio Majer. 8. ed São Paulo: Paz&amor, 2005.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. Ver. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.

FANTE, Cléo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: ed 34, 1993.

MAFFESOLI, M. Comunidade de destino. **Horizontes antropológicos**, vol.12, n.25, jan./jun. 2006, p. 273-283.

SANTOMAURO, Beatriz. *Cyberbullying: a violência virtual*. In: **Revista Nova Escola**, RJ, v. 233, jun./jul. 2010.